



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 14.6.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistados: Daladier Pessoa Cunha Lima

Responsável pela transcrição: Kaline Faria de Araújo (bolsista)

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu lembro que foi em 1962 que eu fui presidente de diretório acadêmico. Não fui militante do grupo chamado de esquerda, não posso dizer que fui porque não fui. Eu não participei disso aí. Eu fui presidente de diretório no sentido de melhorar as condições do ensino da Medicina, foi minha luta. Na parte da Medicina, junto ao reitorado do professor Onofre Lopes. E apoiei meu sucessor que foi o deputado Vivaldo Costa. Que me sucedeu como presidente do diretório acadêmico.

Carlos Gomes: Foi reitor em 1987?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu fui vice-reitor de 1973 a 1977. Em 1979 eu assumi a direção do Centro de Ciências da Saúde. Como pró-reitor foi durante seis meses. Fui pró-reitor de pesquisa e graduação em 1973. Em resumo essa é minha vida, sou médico e logo que assumi a reitoria deixei o exercício médico. Me dediquei integralmente à vida acadêmica.

Carlos Gomes: Professor, há um dado interessante que gostaríamos de saber. O senhor, quando foi reitor, quais os problemas, quais os empecilhos encontrados, decorrentes do entulho militar?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Voltando atrás, tive que agir rapidamente com dificuldades enormes para dentro dos preceitos do estatuto, eleger todos os colegiados da Universidade. E foi feito, com dificuldade grande, mas foi feito. Foi o primeiro grande problema que nós enfrentamos. Quando assumiu a presidência da república, o senhor Fernando Collor de Melo, com um ministro da educação chamado Carlos Chiarelli, as reuniões dos reitores das federais com esse ministro eram para cortar despesas. Era para diminuir 30% de custeio, eles davam as metas, universidade tal tem que diminuir o número de funcionários, tem que diminuir o número de professores o percentual tal... Nós íamos para aquelas reuniões e ficávamos angustiados. Quando hoje você vê as universidades...

Almir Bueno: Eu entrei na Universidade em 1991, quando o senhor já estava saindo. Mas o senhor participou da administração da Universidade como vice-reitor e como reitor praticamente todos os anos 1980. Então o senhor com certeza tinha um conhecimento da administração, da gestão da Universidade. Uma das questões que tem mais chamado atenção aqui na Comissão, quando nós vamos falar da Assessoria de Segurança e Informação, há exatamente um desconhecimento, digamos assim, dos reitores, em relação à própria localização física da ASI. Os reitores ainda falavam com os chefes da ASI, Adriel Lopes e Zaqueu, mas quanto à localização da ASI todo mundo sabia, mas os reitores sempre diziam não, não sei. Eu nunca tive interesse em saber, então fica uma espécie de... Existia, mas era fantasma. Então eu gostaria de saber...

Daladier Pessoa Cunha Lima: Primeira resposta, se você me perguntar onde ficava a ASI, eu não sei. Eu realmente não sei onde funcionava a ASI, não tenho a menos ideia.

Almir Bueno: Era na biblioteca...

Daladier Pessoa Cunha Lima: Pois é. Eu não sei. Eu nunca tomei conhecimento disso. Quando fui diretor do Centro de Ciências da Saúde eu nunca fiquei sabendo, se soubesse teria rechaçado. Isso foi notícia que surgiu inverídica com relação à atuação do diretor. Eu era diretor na época, eu fui diretor de 1979 a 1973. Eu desconheço completamente essa informação.

Almir Bueno: Mas essa matéria de jornal...

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu não duvido que ele tenha pretendido isso. É provável que ele tenha procurado fazer isso. Alguém do conhecimento dele, estudante. É do diretório?

Almir Bueno: É chapa do diretório acadêmico do Centro de Ciências da Saúde.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu não tenho o menor conhecimento, e claro que se isso tivesse acontecido eu teria rechaçado isso, eu jamais teria apoiado isso. Essa notícia de jornal não tem nenhuma relação de verdade com a atuação do diretor.

Almir Bueno: Só para concluir, então o senhor não apoiou nenhuma chapa?

Daladier Pessoa Cunha Lima: De jeito nenhum, de maneira nenhuma iria apoiar. Ainda hoje as eleições da instituição que eu dirijo é com bastante lisura, recentemente o presidente foi escolhido em eleições abertas. E ele me procurou e eu disse que não aceitava porque ele não usou de maneira democrática. É meu pensamento, eu sempre fui assim e não agiria de outra maneira.

Carlos Gomes: Só um registro, alguém se lembra quem teria sido eleito para essa chapa?

Almir Bueno: Talvez Ivis saiba.

Daladier Pessoa Cunha Lima: É... Ivis pode saber. Mas o que eu me lembro é que os presidentes de diretórios no tempo em que eu fui diretor do centro eram pessoas eleitas abertamente. Nunca influenciei absolutamente nada. Quem me conhece sabe que minhas palavras dirigidas a quem ia votar eram que eu não dizia que eu não era melhor que a outra não, eu era o que era e quem quisesse votasse em mim, mas qualquer outro candidato era tão bom quanto eu. Então eu nunca me coloquei perante a comunidade como o maior, melhor, nem também que eu ia fazer demagogia. Ou que ia fazer coisas para agradar. Quando eu assumi a reitoria, a Universidade tinha um horário dividido. Eu recebi os funcionários na Universidade, eu dizia para eles: “não esperem que eu vá fazer demagogia”. Eu vou fazer aquilo que é bom para a Universidade. O horário da Universidade era dividido, um trabalhava a metade e outro trabalhava a outra metade. Em poucos meses eu mudei isso. Passei todo mundo para dois expedientes. Houve reclamações, eu disse: “olhe, isso é o melhor para a Universidade. Eu não estou aqui para fazer o melhor para um grupo ou para outro, eu estou aqui para fazer o melhor para

Universidade”. Para o funcionário isso era ótimo, mas para a Universidade não era. O meu pensamento era esse, professor. Eu jamais iria embarcar em uma proposta como essa.

Almir Bueno: Posso só concluir minha participação? Ainda voltando em relação à ASI, uma das coisas que tem mais me chamado atenção, e aí eu queria até saber sua opinião, é exatamente essa questão de que todos os gestores da Universidade, todo esse período quem tem conhecimento sobre a vida da Universidade, como o senhor acabou de reiterar, não só o senhor como os outros, que não sabia o local que funcionava a ASI. E ela funcionava dentro da Universidade. Então os próprios gestores máximos desconheciam um órgão, que era ligado ao Ministério da Educação, que funcionava dentro das dependências da Universidade. E o próprio reitor não sabia para mim isso soa estranho. Depois ela saiu e foi para a Delegacia Regional do MEC. Eu gostaria de saber sua opinião.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Na minha gestão não existia, existiu antes, quando eu trabalhava lá no Centro de Saúde, eu realmente não sabia. Tanto que eu fiz a exoneração dele. A ligação direta da ASI com o reitor.

Conceição Fraga: Parabenizar ao professor Carlos pela Comissão. Pode parecer redundância para alguns que estão aqui, mas eu tenho certeza que é importante essa ação para mostrar aos depoentes que estão vindo, na pessoa do professor Carlos Gomes, pois ele tem tido uma postura facilitadora para convencer, porque para todos os efeitos essa Comissão não tem o poder de convocar. Ela convida. E é uma demonstração de apreço muito grande os depoentes estarem vindo colaborar. Colaborar no sentido de que o silêncio também fala. Então calar também é uma maneira de colaborar. Nesse sentido, quero parabenizar o senhor por estar colaborando e estar vindo pessoalmente. Se dispor a conversar com a Comissão da Verdade e fazer alguns esclarecimentos. Eu queria chamar a atenção para alguns dados antes de fazer minha pergunta final. Veja bem, aquele período ao qual o senhor se refere é bem verdade, foi um período de polarização da sociedade. Então, porque é tão importante chamar a atenção para aquele momento de polarização? Porque, professor, veja bem, o golpe foi em 1964, na verdade o AI em 1968 é que intensificou a repressão. De 1969 a 1974 é um período mais cruel, isso se refletiu nos reitores, se referindo aos gestores no geral, então. Veja a dificuldade, quando o senhor foi diretor no CCS, a partir de 1979, o senhor assumiu funções

administrativas, mesmo não sendo reitor. Então quando mais se conquistava a redemocratização, paradoxalmente, a militância do movimento cobrava uma postura mais avançada, era uma forma de acompanhar, daí uma forma de frustração. Por outro lado, a cobrança era maior porque foi um reitor eleito. Então na condição de reitor eleito, a cobrança era maior. Aí veja algumas coisas que acabam acontecendo. A ASI que o senhor... na condição de vice-reitor, e foi extinta pelo reitor em exercício.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Deixa eu só fazer uma pergunta, ela foi extinta por...

Conceição Fraga: O senhor assinou como reitor em exercício.

[Inaudível]

Conceição Fraga: Em 1987 o senhor já era reitor e já tinha havido a eleição para prefeito em 1985, para governador em 1986, ou seja, estávamos num estado de graça que já não aguardava mais tais posturas, que não fosse uma aberração. Aqui nesse auditório passamos o filme... e fui presa eu e professor Roberto, o um filme que foi simplesmente... Sarney era presidente da república, muito católico. Questionava os paradigmas da Igreja e tornou o filme ilegal no Brasil. E a UNE resolveu passar esse filme como forma de protesto, foram presos não só eu, mas outras pessoas em vários lugares. Aqui no auditório da reitoria. Então a Polícia Federal nos levou e ela só poderia entrar aqui com autorização do reitor. Para nós é mais estranho, num processo de redemocratização, uma postura na contramão, do que naquele período. E aí, minha pergunta é exatamente essa, eu tenho maior curiosidade em saber, teve todo aquele desdobramento nos colegiados, não sei se o senhor lembra, mas enfim...

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu lembro vagamente, eu estava viajando, quando cheguei fui que soube, e fiz um protesto formal nos colegiados e na polícia federal.

Conceição Fraga: Eu desconheço, se o senhor tiver alguma informal que possa me passar.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu não tenho, porque esse assunto eu não anotar e gravar. Eu fiz o protesto no colegiado e foi aprovado por unanimidade dos votos nos colegiados. Se você me perguntar, se eu tenho prova disso, eu não tenho prova disso.

Conceição Fraga: O senhor tem de uma das reuniões dos colegiados em que inclusive eu fui chamada de “negrinha atrevida”? Eu levei a documentação e levei essa informação lá.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eles jamais entrariam na Universidade com autorização do reitor, jamais. E em nenhum momento reitor, e pelo menos eu autorizei a entrada de nenhum policial. A não ser para as solenidades. O que o colegiado votou foi encaminhado para a Polícia Federal.

Carlos Gomes: Isso foi levado ao colegiado?

Conceição Fraga: Sim, ao Consepe. E eu me lembro do comentário em que fui chamada de “negrinha atrevida”.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Quem te chamou assim?

Conceição Fraga: Professor, foi o senhor.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu? Não senhora! Discordo. Isso não é verdade. Jamais eu faria isso. Não, não me recordo não. Eu refuto. Não é verdadeiro. Talvez seja na sua imaginação, não é verdadeiro. Eu jamais faria isso com uma pessoa, jamais! Por minha própria formação. Jamais eu faria uma observação dessas com você. Eu me conheço, sei como eu sou. Eu refuto a sua observação. Eu jamais faria isso com ninguém na vida. Eu nunca faria isso, eu tenho uma história de vida. Minha história não é inventada de um dia para outro não. Está aí minha vida toda aberta. E as pessoas sabem que eu nunca agi dessa maneira. Eu estranho muito esse seu pensamento. Eu sempre respeitei e jamais faria isso.

Conceição Fraga: Eu não vou insistir porque não é a discussão central.

Almir Bueno: Eu não conhecia esse episódio, mas isso até pode ser investigado por meio das atas.

Conceição Fraga: Eu procurei muito essa ata, com Margarida.

Almir Bueno: Então você foi presa.

Conceição Fraga: Fui presa.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Se alguém tivesse solicitado, claro que teria sido feito.

Conceição Fraga: Professor, como a gente ia pedir ajuda à Universidade se nós fomos presos porque a Universidade mandou?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Não, a Universidade não mandou. Isso é invenção sua. A Universidade ia mandar prender ninguém? Não ia.

Conceição Fraga: Professor, se o senhor quiser, Antenor Roberto hoje é procurador do estado e foi preso comigo. Humberto Martins estava aqui na sala ao lado. Gisele era secretária, Margarida era secretária.

Daladier Pessoa Cunha Lima: O reitor nunca teve maioria dentro dos colegiados, pelo menos eu nunca tive. O reitor jamais, Conceição, jamais mandou prender, você estava fazendo uma injúria. Olha, isso eu considero uma injúria. Eu posso inclusive me sentir injuriado com o que você está dizendo. É pura injúria o que você está fazendo.

Carlos Gomes: Eu gostaria que você precisasse a época que isso ocorreu.

Conceição Fraga: A data é não sei, mas é fácilimo, porque tem outras pessoas que estavam e sabem.

Carlos Gomes: Procure saber dessa ata, que eu vou providenciar.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu nunca faria isso com uma pessoa. E você dizer que o reitor mandou prender, isso é uma injúria.

Conceição Fraga: O que eu digo é que a Polícia Federal só entra aqui autorizada.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Não! Eu jamais autorizei isso.

Conceição Fraga: Então o senhor está afirmando que entram sem autorização?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Se entraram eu não estava aqui, estava viajando, quando eu cheguei e soube do problema. Você está dizendo que entrou. Quando cheguei da viagem eu soube do episódio e reuni o colegiado, foi feito um protesto e esse protesto foi encaminhado à Polícia Federal. Pedindo que a Polícia Federal tomasse as providências cabíveis no âmbito da Universidade.

Conceição Fraga: Naquele momento a sociedade era tão polarizada que a própria campanha e o seu resultado da campanha foram questionados pela própria comunidade acadêmica. Mas isso não vem ao caso.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Não chegou em nenhum momento nenhum questionamento. Houve uma maioria pequena. Eu tive um prazer de acabar com aquela animosidade. E tive o prazer de, ao terminar o meu mandato, receber uma homenagem de toda a Universidade. Não sei se merecia, mas recebi homenagem de todos os setores da Universidade. Então o que você falou foi uma injúria. Ponha sua consciência para pensar.

Carlos Gomes: Superados esses aspectos, o senhor se lembra de sua gestão de ter constituído uma comissão de juristas na Universidade para rever processos? Processos de funcionários, de professores, tem alguma lembrança disso?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Bom, eu me lembro de um processo de reintegração de uma ilustre professora, que foi penalizada pelo governo militar. E foi a professora Vanilda Paiva, eu tinha trabalho com ela no CRUTAC. Talvez não tenha sido papel meu, mas na minha gestão eu tive a alegria de reintegrá-la à Universidade. Numa solenidade aqui no pátio da reitoria com algumas pessoas conhecidas da professora Vanilda Paiva. Ela trabalhou no CRUTAC na gestão do professor Onofre e trabalhou comigo.

Conceição Fraga: O senhor lembra quem era o vice-reitor nessa época?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Meu vice-reitor... eu tive dois vice-reitores. Um foi professor Tarcísio Costa, e o outro foi professor Giusépio, que foi trazido para cá por mim. Ainda hoje é o procurador geral da Universidade.

Almir Bueno: O outro professor o senhor não se lembra?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu não recordo, eu me recordo de Vanilda porque eu trabalhei com ela.

Carlos Gomes: Porque eles perderam o cargo?

Daladier Cunha Lima: Eu não sei. Durante o regime militar os professores perderam seus cargos, suas funções por diversos motivos.

Carlos Gomes: Eu me lembro de Maria Laly Carneiro.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Não, ela não foi reintegrada por mim não.

Carlos Gomes: Eu era presidente da Comissão. Eu me lembro de Maria Laly que foi reintegrada e houve mais gente. Pedro Januário, José Daniel Diniz, Giuusepe da Costa, Hebe Marinho.

Conceição Fraga: O senhor era vice-reitor na época da ocupação da reitoria.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Era vice-reitor sim.

Conceição Fraga: Poderia nos falar como foi aquela experiência?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Pois não. Na invasão da reitoria eu era vice-reitor. Eu estava no meu gabinete pela manhã quando chegam alguns estudantes portando colchonetes e outros utensílios, não é? Dizendo que iam ocupar a reitoria. O motivo eu não me lembro bem... o restaurante universitário. Então eles entraram no meu gabinete de maneira cordial. Eu lembro que no meu reitorado eu não tive um problema com estudante. Apesar dos estudantes não terem me apoiado com maioria. A maioria foi para Justina, mas eu não tive um problema com estudante. Mas voltando agora à ocupação da reitoria, eles entraram, eu os recebi, e liguei para o gabinete do reitor. E eu acho que o chefe de gabinete do reitor encaminhou, que o reitor... que “todos saiam da reitoria que os estudantes vão ficar por aqui”.

Conceição Fraga: Qual o reitor?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu acho que o chefe de gabinete era Paulo de Tarso. Ele recomenda que todos saiam da reitoria, os estudantes já estavam na reitoria. Já se apossaram e não têm condições de trabalho. Eles vieram de forma cordial dizendo que iam ficar ali.

Conceição Fraga: Mas a Polícia Federal veio e indiciou estudantes.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu realmente não sei disso. O reitor que assumiu o comando constituiu uma comissão, eu nem fiz parte. Eu não sei, só sei que depois de alguns dias foi pedida a reintegração de posse. Mas o ato de ocupação foi um ato pacífico. Não houve violência nenhuma, nem física, nem verbal. Isso é o que eu posso dizer.

Carlos Gomes: Muito bem... mais alguma coisa? Pois não.

Juan de Assis Almeida: Professor Daladier, no site de... dhnet fala do comitê Estadual da Verdade, tem uma lista lá com todos os nomes depoentes dessa comissão geral de investigação.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Em que ano?

Juan de Assis Almeida: O ano é 1964.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Em 1964 realmente eu me surpreendi com um caminhão do exercito na minha porta e me chamando ao quartel, onde eu havia sido soldado. Eu fui, lá eles me perguntaram uma série de coisa e...não foram com nenhuma violência, mas quiseram ouvir sobre minha participação como presidente de diretório. Mais sobre presidente de diretório, me perguntaram sobre alguns professores e em pouco tempo me mandaram medeixar em casa de volta. Eles não mandaram nenhum aviso. Chegaram e me levaram.

Almir Bueno: O senhor lembra os nomes desses professores?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Não. Dos professores eu lembro-me de um que foi paraninfo da minha turma, que foi Getúlio Sales. Então eles perguntaram se ele era comunista, socialista. Eu disse que ele era um excelente professor e só tinha feito o melhor pela Universidade.

Carlos Gomes: Eu queria lembrar ao professor Daladier que muitas perguntas que nós fazemos é porque infelizmente a documentação desse período já está toda extraviada. Da ASI não existe nada, há uma possibilidade de que Collor teria determinado que seria bom tocar fogo. Ninguém tem provas que foi tocado fogo, mas se ninguém encontra pode ser que tenham tocado fogo. Então alguns documentos a gente vai conseguindo assim com muita dificuldade. Porque nós realmente estamos trabalhando no escuro. Aqui e ali um documento solto que não chega a formar a cadeia. É por isso dessa pergunta de Juan. Porque até hoje ainda não tivemos acesso ao inquérito do RU. Então nós estamos trabalhando com dificuldades.

Conceição Fraga: Corrija-me se eu estiver errada, mas professor Diógenes da Cunha Lima reconheceu que, procurado por membros da ASI, ele atendia em seu gabinete. O senhor, como vice-reitor ou reitor em exercício ou reitor eleito, em algum momento foi procurado para alguma reunião? Porque às vezes eles procuravam o reitor para isso.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Não. No meu tempo de reitor não. Já não existia mais.

Conceição Fraga: Existia sim, mas não era mais aqui.

Carlos Gomes: A ASI não existia mais. A ASI foi extinta.

Juan de Assis Almeida: Ela foi extinta em 1990.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Ela foi extinta em 1990?

Conceição Fraga: Em 1990. Ela só não estava mais no interior da Universidade.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Eu nunca fui procurado por ninguém se dizendo da ASI. E durante o tempo em que eu fui vice-reitor, eu acredito que se fui procurado foi uma vez ou duas.

Conceição Fraga: Por Adriel?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Sim, mas o despacho dele era sempre com o reitor. Como eu não tinha conhecimento eu não dava atenção maior ao trabalho que ele realizava.

Carlos Gomes: O senhor se lembra de um funcionário da Faculdade de Medicina chamado Ivan Benigno?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Lembro-me.

Carlos Gomes: O que diz o senhor sobre ele?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Ivan ele...me deixa ver se me lembro dele, eu me lembro da figura dele. Ele foi embora logo muito cedo, não tenho muita informação não, eu me lembro da figura dele. Agora a atuação dele eu não me lembro não. Sei que ele foi embora daqui da Natal.

Carlos Gomes: Havia queixas sobre a atuação dele lá na Faculdade de Medicina?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Não, Carlos, não me lembro não.

Juan Almeida: Izolda Cavalcante, falaram dela.

Carlos Gomes: O senhor se lembra dela?

Daladier Pessoa Cunha Lima: Izolda não. Não tenho lembranças, Izolda era uma professora de Bioquímica. Foi casada um tempo, salvo engano, como reitor Genário.

Carlos Gomes: Ela era filha de Ivo Cavalcante. Ele foi chamado para a Universidade, mas nem chegou a assumir porque completou a compulsória.

Patrícia Wanessa de Moraes: Essa Izolda era secretária.

Carlos Gomes: Agora, eu não estou ligando se é a mesma Izolda, de Francisco Ivo.

Juan Almeida Assis: Ela trabalhava na ASI.

Carlos Gomes: Sim, mas Daladier está falando de uma Izolda que foi mulher de Genário.

Daladier Pessoa Cunha Lima: A Izolda que me vem a cabeça agora é uma professora da área de Farmácia.

Conceição Fraga: Só para lembrar para aqueles que gostam de estudar o movimento estudantil, naquela época de 1969 a 1973, quando o professor foi diretor do Centro de Ciências da Saúde, as maiores lideranças do movimento vinham da área da saúde. Todas as mobilizações nós organizávamos lá na área da saúde. Inclusive as passeatas saíam de lá onde hoje funciona o auditório de Farmácia. Faziam-se as assembleias ali e nos dirigíamos à assembleia legislativa, aquela chamada praça dos três poderes de Natal. Era um período de muita repressão dentro da Universidade. De muita presença de ASI, de Polícia Federal, tinha uma fama aqui, a gente entrava na sala e já sabia os bicos estranhos, todo mundo conhecia, alguns literalmente infiltrados. Mas todos percebiam, pois todo mundo se envolvia e ele era aquele braço morto.

Almir Bueno: Nessa época eu estava na Universidade de São Paulo, fazendo movimento estudantil lá. Tinha lideranças da Medicina e tal, mas o grosso do movimento eram lideranças das ciências humanas.

Carlos Gomes: Aqui a área de Medicina.

Conceição Fraga: Foram três presidentes de DCE seguidos. Alexandre foi presidente do DCE. Eles fizeram todas as gestões com exceção de alguns que vieram de...

Carlos Gomes: Maria Laly, pelo o que eu ouvi dela, ela não tinha liderança estudantil não.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Ela participou diretamente.

Carlos Gomes: Isso. Eu considero uma das figuras mais injustiçadas do movimento, Maria Laly. Até porque ela não tinha nem ideia desse negócio de esquerda, finalmente a colocaram num avião e ela parou no Rio de Janeiro sem conhecer ninguém. De repente passou algum tempo lá e já chegou em Paris. Até hoje ela disse que não sabe o que foi que fez e como chegou. Teve a sorte de ter chegado em Paris e ter casado com um conde da nobreza.

Conceição Fraga: Mas bastava andar com um que já era.

Carlos Gomes: Quem escuta o depoimento da Maria Lalyvê como era uma pessoa ligada e entusiasmada com o movimento social da Medicina. Ela podia fazer pelo povo. Muito bem, gente, mais alguma coisa? Professor, então eu devolvo a palavra para que o senhor faça as considerações finais.

Daladier Pessoa Cunha Lima: Olha, eu agradeço a oportunidade que me foi dada. Apesar de ter passado por um momento de constrangimento aqui. Afirmações que eu considero inverídicas. Mas agradeço a oportunidade de expor um pouco a minha atuação na Universidade. Minha vida é aberta, minha vida é uma só. Minha vida não tem nenhum subterfugio, eu sou o que sou, em todos os momentos, em todos os instantes. Fui reitor para atender o melhor para a Universidade, não para atender a mim pessoalmente. Ao final do meu mandato eu não pensei repetir, eu achei que ali eu tinha cumprido minha missão. Enfim, não me arrependo de nada que fiz na vida, tudo que fiz eu repetiria. Eu tenho a experiência de ter sido o primeiro reitor eleito pela comunidade. Tenho a experiência de ter sido reitor de uma instituição pública e hoje reitor de uma instituição particular.

Carlos Gomes: Nós também agradecemos, professor.